

IMPRESSO

R 1395203
03/05/01
R\$ 3,70

ZÉLIA HUPSEL PALOMO GARCIA

UFC	BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
Nº. R 1395203.	
03 / 05 / 2001	

OK

OPINIOES DO PESSOAL DE ENFERMAGEM, DA AREA MEDICO
CIRURGICA, SOBRE PACIENTES COM PERTURBAÇÃO MENTAL

Dissertação de mestrado
apresentada à Escola de
Enfermagem da Universi-
dade de São Paulo.

Orientadora: Dra. Evalda Cançado Arantes

TESE
610.7368
e/2118
1982

SÃO PAULO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
1982

Aos meus pais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Aos meus pais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Ao meu marido José Carlos e ao
meus filhos Eduardo e Anacarlo
na por todo amor e paciência.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Dra. Evalda Cançado Arantes - pela orientação e estímulo constante na elaboração deste trabalho.

A Ilza M.K. Fukuda - pelo interesse e inestimável colaboração.

A Marina B. Teixeira
Marli A. Rolim
Maguida C. Stafanelli
Hideko T. Forcella,

sempre prontas a superar, a qualquer instante, as nossas dificuldades, oferecendo sugestões oportunas e valiosas.

Ao pessoal do hospital onde o estudo foi realizado.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste estudo.

CONTEÚDO

	Página
INTRODUÇÃO	1
Objetivo	6
Metodologia	7
Critérios para avaliação das respostas às pergun- tas de nºs 3, 4, 9 e 10 do formulário (Anexo nº1)	10
População	7
Técnica	7
RESULTADOS E COMENTÁRIOS	12
Caracterização da População	13
Respostas do pessoal de enfermagem sobre interação com doentes mentais ocorridas antes de atuar em en- fermagem	17
Respostas do pessoal de enfermagem sobre interação com doentes mentais que estavam internados no pe- ríodo da coleta de dados	32
CONCLUSÕES	43
RESUMO	46
SUMMARY	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	53

LISTA DE TABELAS

	Págin
Tabela 1 - Distribuição do pessoal de enfermagem segundo idade, categoria funcional e sexo	13
Tabela 2 - Respostas de 145 pessoas da equipe de enfermagem quanto à religião que professam e à prática da mesma	14
Tabela 3 - Informações dadas pelos auxiliares de enfermagem e atendentes quanto ao seu grau de escolaridade	15
Tabela 4 - Distribuição do pessoal de enfermagem segundo estado civil e sexo	16
Tabela 5 - Distribuição do pessoal de enfermagem segundo tempo de serviço e categoria funcional	17
Tabela 6 - Respostas do pessoal sobre a ocorrência de interação com doentes mentais antes de atuar em enfermagem segundo sua categoria funcional	18
Tabela 7 - Distribuição do pessoal de enfermagem segundo sua categoria funcional e resposta sobre prestação de assistência a pacientes com distúrbio mental, antes do trabalho atual	20
Tabela 8 - Sentimentos que o pessoal de enfermagem expressou quando prestou assistência a pacientes com distúrbios mentais	21
Tabela 9 - Opinião do pessoal de enfermagem sobre modificações no ambiente da unidade, quando o doente mental esteve internado	24
Tabela 10 - Distribuição dos sentimentos expressados pelo pessoal de enfermagem, ao assistir pacientes com distúrbios mentais, segundo sua idade	26
Tabela 11 - Distribuição do tempo de serviço da categoria <u>enfermeiro</u> , de acordo com sentimentos expressados	28

Tabela 12 - Distribuição do tempo de serviço da categoria <u>auxiliar de enfermagem</u> , de acordo com os sentimentos expressados	29
Tabela 13 - Distribuição do tempo de serviço da categoria <u>atendente</u> , de acordo com os sentimentos expressados	30
Tabela 14 - Sentimentos expressados pelo pessoal de enfermagem, em relação aos doentes mentais assistidos, de acordo com sua religião	31
Tabela 15 - Como o pessoal tomou conhecimento de que o paciente era doente mental, segundo sua categoria funcional	33
Tabela 16 - Sentimentos expressados pelo pessoal de enfermagem quanto a presença de doentes mentais na unidade onde trabalham, no momento da coleta de dados	38
Tabela 17 - Sentimentos expressados pelos 49 funcionários, que prestavam assistência aos doentes mentais internados na unidade onde trabalham, segundo categoria funcional	40
Tabela 18 - Opinião do pessoal de enfermagem sobre as modificações no ambiente da unidade, com a presença de doentes mentais	41

RELAÇÃO DOS ANEXOS

Página

Anexo nº 1 - Formulário	54
Anexo nº 2 - Relação das respostas dos funcionários a pergunta "como se sentiu ao cuidar de paciente com distúrbio mental", por categoria, consideradas como <u>expressão</u> de sentimentos positivos e negativos	55
Anexo nº 3 - Sentimentos expressados pelos funcionários, em <u>relação</u> a presença de pacientes com distúrbio mental, internados na unidade onde trabalham	64
Anexo nº 4 - Sentimentos expressados pelos funcionários que <u>prestam</u> assistência aos pacientes com distúrbio mental internados na unidade onde trabalham	68
Anexo nº 5 - Relação das modificações ocorridas no ambiente da clínica quando há presença de pacientes com manifestações de doença mental. Várias citações foram agrupadas de acordo com o conteúdo	72

INTRODUÇÃO

No exercício da nossa profissão, podem ser observadas diferentes reações do pessoal de enfermagem que não atua na área psiquiátrica, no atendimento ao doente mental. Isto é verificado quando, por certas intercorrências clínicas, os doentes necessitam de atendimento especializado, ou mesmo internação em outra unidade hospitalar, e relatam as experiências que vivenciaram no relacionamento com aqueles funcionários que os assistiram.

O pessoal de enfermagem não habituado a assistir pacientes com distúrbios mentais, está menos provido de experiências no atendimento a estes pacientes, do que aquele que trabalha na área psiquiátrica. Assim, quando há necessidade de prestar cuidados a este tipo de paciente, o pessoal se sente inseguro. Insegurança compreensível, pois, desde a infância, medo e fuga são as reações de muitas pessoas para com alguém que sofre de algum distúrbio mental.

O preconceito influencia na maneira como uma pessoa percebe e se comporta em relação à outra, conseqüentemente afetando atitudes e sentimentos. Além disso, boa parte dos preconceitos baseia-se não só na ignorância, mas no medo e na própria sensação de insegurança. Como resultado do desequilíbrio mental que afeta alguns pacientes, ressentimento e hostilidade podem ser demonstrados àqueles que lhes prestam cuidados. Se há hostilidade, também por parte da equipe de enfermagem, os receios dos pacientes são confirmados (DALLY, 1978).

LEWIS (1960) comenta que um dos sentimentos mais frequentes na enfermeira que presta assistência a um doente mental é a ansiedade, originária de diversas fontes, entre outras da apreensão em relação ao seu comportamento e do temor da própria incapacidade na atuação junto a

ele. No entanto, nem sempre a origem dessa ansiedade é conhecida.

A grande maioria das queixas que os pacientes expressam refere-se à incapacidade das enfermeiras de estabelecerem relacionamentos interpessoal com eles, evidenciando que não entendem o caráter das necessidades dos pacientes, e nem sabem como oferecer-lhes ajuda efetiva (MELNESS & KARNOSH, 1964).

TUTER (1956) julga que a experiência em enfermagem psiquiátrica, é uma tarefa difícil pelo estigma que sempre pesou e ainda pesa sobre o doente mental. Segundo ela, para que a atuação da enfermeira junto a um doente mental, seja considerada satisfatória, é necessário que ela se desfaça de todas as idéias e preconceitos que recaem sobre este tipo de paciente, e mantenha a mente aberta para avaliá-lo como pessoa capaz de receber ajuda.

TRAVELBEE (1979) concluiu que a enfermeira necessita envolver-se emocionalmente com o paciente, para que possa estabelecer um relacionamento terapêutico. Entretanto, muitas vezes esse envolvimento não ocorre, quando a enfermeira cuida de um paciente com distúrbios mentais devido aos preconceitos e idéias errôneas que ainda existem sobre o doente mental. Para esta mesma autora, a doença mental constitui-se em uma experiência vivida por um ser humano e não é simplesmente um rótulo ou uma categoria.

ROBINSON (1972) refere que, com autoconhecimento, a enfermeira chega à conclusão de que o receio sentido por ela quando atende a um doente mental representa, na realidade, o medo do desconhecido: o de não ser capaz de atuar com eficiência.

COHEN et alii (1964) concluíram que as atitudes manifestadas como generosidade e paternalismo em relação ao doente mental têm suas origens mais na ética protestante e no humanismo do que na ciência ou na sofisticação profissional. Os doentes são vistos como crianças mal vadas que necessitam de atenção, carinho e orientação.

KEANE (1979) em estudo realizado em 3 hospitais gerais, com a finalidade de estabelecer e manter dentro de um hospital geral uni dades para atendimento psiquiátrico, ressaltou que era necessário conven cer as outras enfermeiras da validade do programa e que os pacientes doen tes mentais não deviam ser isolados ou rejeitados, nem sofrer restrições do ambiente. Verificou e reconheceu que existia preconceito em relação a esses tipos de pacientes e falta de conhecimento das enfermeiras de unidades gerais, em detectar incidentes ocorridos na área psiquiátrica, citando como exemplo, os efeitos colaterais de uma medicação neurolépti ca. Concluiu que o pessoal da administração e da enfermagem do hospital rejeitou a filosofia e o trabalho executado, não aprovando a existência de uma unidade psiquiátrica no contexto de um hospital geral.

DAWSON (1970) relata que as enfermeiras e os elementos de sua equipe demonstram medo e são cautelosos ao se depararem com um doente mental, acreditando que as pessoas treinadas para trabalhar com doentes mentais possuem um "toque mágico". Comenta que, mesmo as enfermeiras que trabalham na área de atendimento geral, são solicitadas para atender pacientes com necessidades psicológicas e, por isso, necessitam, além de bom senso, do conhecimento dos quadros psiquiátricos. É importan te que a enfermeira, qualquer que seja a sua especialidade, saiba assis tir os pacientes com as mais variadas manifestações de comportamento.

PARIOS (1980) questiona a admissão de alguns tipos de pacientes doentes mentais em uma enfermaria médico-cirúrgica, tais como: o paciente francamente psicótico, o deprimido, o suicida e o homicida, o maníaco depressivo, o manipulador; achando que estes não se acomodariam em tal tipo de unidade, devido às dificuldades e riscos apresentados pelo ambiente, além de o pessoal de enfermagem não ser qualificado, nem suficiente para assistir pacientes com tais comportamentos; há necessidade de constante observação e supervisão, tendo-se em vista o próprio preconceito que acompanha o doente mental. Além disso, há necessidade de se proporcionar atividades adequadas aos pacientes com diferentes manifestações de comportamento. Afirma, ainda, que o pessoal de enfermagem da área médico-cirúrgica necessita de melhor preparo, por meio de educação constante, realizado por profissionais psiquiátricos, para que haja mudanças de atitudes em relação aos doentes mentais.

SHULMANN et alii (1966) acreditam que problemas psiquiátricos em unidades médicas causam sérias interferências e comentam um caso de uma paciente com problemas psiquiátricos, que o pessoal de enfermagem não tinha condições de controlar e assistir, pois havia dificuldade no relacionamento e ministração de cuidados. A paciente era hostil, e incomodava todas na enfermaria e, devido ao seu comportamento inadequado, não sabiam como abordá-la. Foi necessário, então, a presença de uma enfermeira psiquiátrica para intervir e orientar no tratamento específico para essa paciente, integrando aos cuidados gerais os cuidados psiquiátricos, no que obtiveram pleno êxito.

Além disso, ELSAS (1979) comenta, que a presença de pessoas com distúrbios mentais provoca transtorno emocional nos funcionários

Pode-se perceber que ainda perdura uma série de preconceitos em relação à doença mental, bem como a existência de sentimentos considerados negativos em relação a essas pessoas. Além disso, os pacientes demonstram hostilidade e insegurança, provocadas pelas reações do pessoal de enfermagem, que não atua na área psiquiátrica, o que dificulta a manutenção de um relacionamento adequado e útil.

Assim, fica evidente que o sentimento experimentado pelo pessoal de enfermagem, que habitualmente não presta assistência ao doente mental, interfere no cuidado deste. Diante disso, foi resolvido detectar os sentimentos do pessoal de enfermagem, da área médico-cirúrgica, frente aos pacientes com manifestações ou história de doença mental.

Objetivo

Foi objetivo do presente trabalho listar os sentimentos do pessoal de enfermagem, que atua na área médico-cirúrgica, quanto aos pacientes com manifestações de comportamento que indicam doença mental.

METODOLOGIA

População

O presente estudo foi realizado com Enfermeiros, Auxiliares de Enfermagem e Atendentes, de ambos os sexos, atuando em unidades médico-cirúrgicas de um hospital geral, governamental, da cidade de São Paulo, no período de outubro a dezembro de 1981.

Há no hospital, segundo a diretoria de enfermagem, 14 unidades médico-cirúrgicas com 606 leitos e 517 (100%) pessoas trabalhando em enfermagem, a saber:

116 (22,4%) enfermeiros,
204 (39,5%) auxiliares de enfermagem e
197 (38,1%) atendentes.

A amostra foi estabelecida em 150 pessoas, o que representa 29,0% do total de componentes do pessoal de enfermagem. As 150 pessoas foram divididas em três grupos de, aproximadamente, 50 pessoas de cada categoria funcional - enfermeiro, auxiliar de enfermagem e atendente.

A coleta de dados foi realizada com a utilização de um formulário (Anexo nº 1) que contém dados pessoais do entrevistado e questões sobre sua opinião quanto a interação com pacientes que manifestam distúrbios mentais.

Técnica

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevis

ta.

Determinou-se, para o estudo, que seriam entrevistadas pessoas que estivessem trabalhando nas 14 unidades médico-cirúrgicas, nos turnos da manhã e da tarde, por serem estes os turnos em que há maior número de funcionários em atividade.

Foi determinada a duração aproximada de 30 minutos para cada entrevista.

Antes da entrevista, a pesquisadora apresentou-se ao funcionário explicando-lhe seus objetivos e solicitando a sua colaboração no trabalho. Foi necessário esclarecer que a pesquisadora não mantinha nenhum vínculo administrativo com a instituição, visto que os funcionários mostraram-se receosos em atender à solicitação, verbalizando medo de serem prejudicados, em função das informações fornecidas. Foi dito aos entrevistados que os dados contidos no formulário sõ seriam utilizados pela pesquisadora e que eles, funcionários, não seriam identificados.

Foi dada inteira liberdade para a pessoa participar ou não da entrevista.

Para diminuir ao máximo as interferências nas respostas das pessoas, a entrevistadora procurou permanecer na unidade o tempo necessário para que pudesse entrevistar todas as pessoas selecionadas.

Ao término de cada entrevista, a pesquisadora solicitava ao funcionário que não fizesse qualquer comentário com as demais pessoas, sobre o conteúdo do formulário.

Vários funcionários pediram à pesquisadora para lhes mostrar o que estava sendo escrito, e alguns demonstraram interesse, solicitando que o resultado da pesquisa lhes fosse informado.

Critérios utilizados para a seleção da amostra.

Para o desenvolvimento do estudo foi determinado entrevistar em cada unidade, metade dos funcionários presentes, de cada categoria, apresentados pelo enfermeiro-chefe da unidade, que procurava selecioná-los de acordo com a disponibilidade de cada um e, destes, foram entrevistadas apenas pessoas que não haviam trabalhado anteriormente, em unidades psiquiátricas, para evitar respostas já elaboradas.

Critérios para avaliação das respostas às perguntas de números 3, 4, 9 e 10 do formulário (Anexo nº 1).

Como foi utilizado um formulário com perguntas em aberto para melhor percepção dos sentimentos demonstrados, foi necessário classificar as informações para avaliação das respostas.

Classificaram-se, então, as informações obtidas, em: sentimentos positivos, negativos e de indiferença e, ainda, "perturba os outros pacientes", "perturba o trabalho", "não perturba" e "não observou mudanças".

Foram consideradas como sentimento positivo as expressões que demonstraram vontade de manter relacionamento e aproximação com o

doente mental e, como sentimento negativo, as expressões que demonstraram repelir e recusar a prestação de assistência aos doentes mentais, achando que causam transtorno ao ambiente.

Para trabalhar com os dados obtidos, de maneira objetiva e resumida, a pesquisadora agrupou as modificações ocorridas no ambiente da clínica com a presença dos pacientes portadores de distúrbios mentais. Estas modificações descritas pelos funcionários foram reunidas em 3 grupos: "perturbam o trabalho", "perturbam os outros pacientes" e "perturbam o trabalho e os outros pacientes". Nessas informações descritas pelos funcionários, confirma-se também que havia sentimentos negativos expressos. Na maioria foram consideradas as modificações: "perturbam o trabalho", quando referiam transtorno aos funcionários e no ambiente da clínica; "perturbam os outros pacientes", quando referiam que apenas transtornavam ou incomodavam os outros pacientes; "perturbam o trabalho e os outros pacientes" quando informavam modificações ou transtornos para ambos os grupos.

RESULTADOS E COMENTÁRIOS

Caracterização da População

Para o estudo foi determinado o mesmo número de funcionários por categoria; entretanto, devido à variação da quantidade e disponibilidade das pessoas, foram entrevistados 46 enfermeiros, 57 auxiliares de enfermagem e 47 atendentes.

A distribuição dos 150 funcionários entrevistados, de acordo com sua idade, categoria funcional e sexo, está expressa na Tabela 1.

Tabela 1

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SEGUNDO IDADE, CATEGORIA FUNCIONAL E SEXO.

IDADE (em anos)	C A T E G O R I A F U N C I O N A L							
	Enfermeiro		Auxiliar de Enfermagem		Atendente		TOTAL	
	Sexo		Sexo		Sexo			
	M*	F**	M*	F**	M*	F**	Nº	%
20+ 30	1	31	6	7	11	16	72	48,0
30+ 40	2	7	7	22	6	8	52	34,7
40+ 50	-	4	2	8	-	4	18	12,0
50+ 60	-	1	4	1	1	1	8	5,3
TOTAL	3	43	19	38	18	29	150	100,0
	(30,7%)		(38,0%)		(31,3%)			

M* - Masculino

F** - Feminino

Como indica a Tabela 1, o número de funcionários do se-

tegoria enfermeiro em que, dos 46 (100%) profissionais entrevistados, 43 (93,5%) eram mulheres e 3 (6,5%), homens.

Dos 150 funcionários entrevistados, 124 (82,7%) estavam com menos de 40 anos de idade e 26 (17,3%) estavam com mais de 40 anos.

A média de idade dos enfermeiros foi 29,4 anos; dos auxiliares de enfermagem, 36,2 anos e dos atendentes, 30,9 anos.

Quando entrevistados, 145 funcionários afirmaram ter religião e 5 não a ter. Nem todos que disseram professar uma religião a praticam.

Na Tabela 2 pode ser vista a distribuição dos funcionários quanto à religião que afirmaram professar e quanto à prática da mesma.

Tabela 2

RESPOSTAS DE 145 PESSOAS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM QUANTO À RELIGIÃO QUE PROFESSAM E À PRÁTICA DA MESMA.

RELIGIÃO	P R A T I C A N T E					
	Sim		Não		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Católica	72	61,0	46	39,0	118	81,4
Protestante*	12	75,0	4	25,0	16	11,0
Espírita	4	66,7	2	33,3	6	4,1
Adventista	3	100,0	-	-	3	2,1
Budista	-	-	1	100,0	1	0,7
Judaica	-	-	1	100,0	1	0,7
TOTAL	91	(62,8)	54	(37,2)	145	100,0

Dos 54 (100,0%) funcionários que não praticavam sua religião, 10 (18,5%) comentaram que não o faziam por causa do horário de trabalho. Disseram que se viam obrigados a aproveitar os poucos dias de folga para completar os afazeres domésticos e resolver problemas pessoais.

Com referência à escolaridade, os 46 (100,0%) enfermeiros completaram, legalmente, o 3º grau.

O grau de escolaridade, dos auxiliares de enfermagem e atendentes, está representado na Tabela 3.

Tabela 3

INFORMAÇÕES DADAS PELOS AUXILIARES DE ENFERMAGEM E ATENDENTES QUANTO A SEU GRAU DE ESCOLARIDADE.

ESCOLARIDADE	CATEGORIA FUNCIONAL					
	Auxiliar de Enfermagem		Atendente		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1º grau: incompleto	7	12,3	18	38,3	25	24,0
completo	27	47,3	18	38,3	45	43,3
2º grau: incompleto	3	5,3	5	10,6	8	7,7
completo	18	31,6	6	12,8	24	23,1
3º grau: incompleto	2	3,5	-	-	2	1,9
TOTAL	57	100,0	47	100,0	104	100,0

Não completaram o 1º grau 7 (12,3%) dos auxiliares de enfermagem e 18 (38,3%) dos atendentes.

res de enfermagem.

A distribuição do pessoal entrevistado quanto ao estado civil pode ser vista na Tabela 4.

Tabela 4

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SEGUNDO ESTADO CIVIL E SEXO.

ESTADO CIVIL	S E X O					
	Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Solteiro	13	32,5	63	57,3	76	50,7
Casado	26	65,0	40	36,4	66	44,0
Desquitado ou Divorciado	1	2,5	4	3,6	5	3,3
Viúvo	-	-	3	2,7	3	2,0
TOTAL	40	100,0	110	100,0	150	100,0

HEINEMANN & RHODES (1967) em seu estudo, informam que variáveis, como estado civil e sexo, não pareciam ter relação com atitudes para com os doentes psiquiátricos.

No presente estudo, também não foi observado que as variáveis sexo e estado civil tenham tido relação com os sentimentos expressados pelos funcionários entrevistados.

Tabela 5

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SEGUNDO TEMPO DE SERVIÇO E CATEGORIA FUNCIONAL.

TEMPO DE SERVIÇO (em anos)	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Enfermeiro		Auxiliar de Enfermagem		Atendente		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
menos de 1	7	15,2	3	5,3	7	14,9	17	11,3
1 + 5	19	41,3	9	15,8	16	34,1	44	29,3
5 + 10	13	28,3	18	31,5	15	31,9	46	30,8
10 + 15	1	2,2	6	10,5	6	12,8	13	8,7
15 + 20	3	6,5	10	17,5	1	2,1	14	9,3
20 + 25	2	4,3	5	8,8	1	2,1	8	5,3
25 + 30	-	-	3	5,3	1	2,1	4	2,7
30 + 35	1	2,2	1	1,8	-	-	2	1,3
35 +	-	-	2	3,5	-	-	2	1,3
TOTAL	46	100,0	57	100,0	47	100,0	150	100,0

Como pode ser visto na Tabela 5, 107 (71,3%) dos funcionários de enfermagem tinham menos de 10 anos de serviço e dos 46 enfermeiros entrevistados, apenas 7 (15,2%) tinham mais de 10 anos de tempo de serviço.

Respostas do pessoal de enfermagem sobre interação com doentes mentais ocorrida antes de atuar em enfermagem.

Interação com doentes mentais antes de atuar em enferma -
gem.

Os 150 funcionários, quando lhes foi perguntado se haviam tido interação com doentes mentais antes de atuarem em Enfermagem, deram três tipos de respostas: sim, não e não me lembro.

Tabela 6

RESPOSTAS DO PESSOAL SOBRE OCORRÊNCIA DE INTERAÇÃO COM DOENTES MENTAIS, ANTES DE ATUAR EM ENFERMAGEM, SEGUNDO SUA CATEGORIA FUNCIONAL.

INTERAÇÃO PRÉVIA COM DOENTES MENTAIS	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Enfermeiro		Auxiliar de Enfermagem		Atendente		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
sim	19	41,3	32	56,1	21	44,7	72	48,0
não	24	52,2	21	36,9	25	53,2	70	46,7
não se lem- bra.	3	6,5	4	7,0	1	2,1	8	5,3
TOTAL	46	100,0	57	100,0	47	100,0	150	100,0

Foram obtidas respostas com número aproximado entre os que tiveram, 72 (48,0%), e os que não tiveram, 70 (46,7%), interação com pessoas com manifestação de doença mental, antes de atuarem em Enfermagem: enfermeiros e os auxiliares de enfermagem, antes de iniciarem os respectivos cursos e os atendentes, antes de começarem a trabalhar.

Das pessoas (72) que responderam haver tido interação prévia com doentes mentais, 71 complementaram sua resposta dizendo de quem tratava, Houve casos em que citaram mais que uma pessoa e, assim sendo, foram citadas 77 pessoas mentalmente perturbadas com as quais interagiram. As pessoas eram:

- da família 49 (63,6%)
- conhecidas 16 (20,8%)
- da vizinhança 7 (9,1%)
- amigas 5 (6,5%)

Ao dar esta informação, 9 (11,7%) pessoas demonstraram desconforto e afirmaram que não tinham relacionamento muito estreito com esses doentes mentais. Outros 7 (9,1%) funcionários comentaram que sentiam "traumatizados" porque tinham familiares doentes.

FUKUDA & ARANTES (1975) concluíram em seu trabalho, que os alunos de enfermagem traziam consigo idéias pré-concebidas em relação ao doente mental, o que pode acontecer com qualquer pessoa que trabalhe na área hospitalar. No estudo citado, 42,1% dos 57 alunos pesquisados haviam tido alguma experiência com doentes mentais, 15,8% deles apresentaram reação de medo e 37,2% de ansiedade, ao prestar assistência a esse tipo de paciente. As dificuldades que apresentaram em 56,8% dos casos estavam ligadas a eles próprios e 43,2% relacionavam-se com o comportamento manifestado pelo paciente.

Prestação de assistência a pacientes com manifestações de perturbação mental.

As respostas à pergunta sobre se os funcionários já haviam prestado assistência ao paciente com distúrbio mental estão expressas na Tabela 7.

Tabela 7

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SEGUNDO SUA CATEGORIA FUNCIONAL E RESPOSTA SOBRE PRESTAÇÃO DE ASSISTÊNCIA A PACIENTE COM DISTÚRBO MENTAL, ANTES DO TRABALHO ATUAL.

CATEGORIA FUNCIONAL	PRESTARAM ASSISTÊNCIA					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Enfermeiro	46	100,0	-	-	46	30,7
Auxiliar de Enfermagem	54	94,7	3	5,3	57	38,0
Atendente	46	97,9	1	2,1	47	31,3
TOTAL	146	(97,3%)	4	(2,7%)	150	100,0

Já haviam prestado assistência a pacientes com perturbações mentais 146 (97,3%) pessoas da população estudada: todos os enfermeiros, 54 (94,7%) auxiliares de enfermagem e 46 (97,9%) atendentes.

Era esperado que somente os atendentes respondessem negativamente, porém, 1 (0,7%) atendente e 3 (2,0%) auxiliares de enfermagem responderam não à pergunta feita. Cabe lembrar aqui, que não participaram do estudo, funcionários que já haviam trabalhado em unidade psiquiátrica.

Sentimentos verbalizados pelo pessoal sobre quando assistiram pacientes com manifestações de distúrbio mental

Dos 146 (97,3%) funcionários que haviam prestado assistência aos pacientes com manifestações de distúrbio mental 3 (2,0%) disseram

Tabela 7

DISTRIBUIÇÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SEGUNDO SUA CATEGORIA FUNCIONAL E RESPOSTA SOBRE PRESTAÇÃO DE ASSISTÊNCIA A PACIENTE COM DISTÚRBO MENTAL, ANTES DO TRABALHO ATUAL.

CATEGORIA FUNCIONAL	PRESTARAM ASSISTÊNCIA					
	SIM		NÃO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Enfermeiro	46	100,0	-	-	46	30,7
Auxiliar de Enfermagem	54	94,7	3	5,3	57	38,0
Atendente	46	97,9	1	2,1	47	31,3
TOTAL	146	(97,3%)	4	(2,7%)	150	100,0

Já haviam prestado assistência a pacientes com perturbações mentais 146 (97,3%) pessoas da população estudada: todos os enfermeiros, 54 (94,7%) auxiliares de enfermagem e 46 (97,9%) atendentes.

Era esperado que somente os atendentes respondessem negativamente, porém, 1 (0,7%) atendente e 3 (2,0%) auxiliares de enfermagem responderam não à pergunta feita. Cabe lembrar aqui, que não participaram do estudo, funcionários que já haviam trabalhado em unidade psiquiátrica.

Sentimentos verbalizados pelo pessoal sobre quando assistiram pacientes com manifestações de distúrbio mental

Dos 146 (97,3%) funcionários que haviam prestado assistência aos pacientes com manifestações de distúrbio mental 3 (2,0%) disseram

... para expressar o que haviam sentido.

Tabela 8

SENTIMENTOS QUE O PESSOAL DE ENFERMAGEM EXPRESSOU SOBRE QUANDO PRESTOU
SISTÊNCIA A PACIENTES COM DISTÚRBIOS MENTAIS.

AGRUPAMENTO DOS SENTIMENTOS	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Enfermeiro		Auxiliar de Enfermagem		Atendente		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Positivos	12	26,1	23	43,4	27	61,4	62	43,
Negativos	32	69,6	29	54,7	15	34,1	76	53,
De Indiferença	2	4,3	1	1,9	2	4,5	5	3,
TOTAL	46	100,0	53	100,0	44	100,0	143	100,0

Os sentimentos expressados foram agrupados, de acordo com o que já foi descrito na Metodologia, e a listagem das expressões dos mesmos é apresentada no Anexo 2.

Observando a Tabela 8, 76 (53,1%) dos sentimentos verbalizados são negativos, notando-se, entretanto, que as pessoas consideradas de menor qualificação profissional, os atendentes, expressaram 27 (61,4%) dos sentimentos positivos; isto faz pensar que aceitavam o doente mental apesar de não terem o mesmo nível de conhecimento dos enfermeiros. Segundo MATHENEY & TOPALIS (1971), aceitar um paciente faz parte de um processo ativo, com a finalidade de proporcionar ao paciente auto-respeito, auto-estima e dignidade. É também relacionar-se com o paciente, permitindo que ele expresse seus sentimentos, manifestar interesse, não encarar o paciente como um caso ou problema clínico, e sim, como uma pessoa que tem sentimentos próprios e direito de se comportar como o faz.

2

MURRAY (1969) afirma que o relacionamento com o doente mental e a experiência profissional na área psiquiátrica ajudam o profissional de enfermagem a superar os sentimentos de medo adquiridos culturalmente.

Tal afirmação não é constatada no presente estudo, pois observando-se as afirmações listadas no Anexo nº 2 e apresentadas na Tabela 8, a categoria dos enfermeiros que, obviamente, possui mais experiência e conhecimento profissionais, inclusive no que tange à doença mental, é a que apresenta 32 (69,6%) dos sentimentos negativos.

BLUMBERG & BEAVER (1966) comentam que as atitudes não-favoráveis e o autoritarismo eram mais frequentes nos atendentes, justificando que a falta de conhecimento em psiquiatria ocasionava tais "atitudes", além de um natural impulso de defesa em relação ao desconhecido.

Quando entrevistados, 9 (19,6%) enfermeiros consideram-se desatualizados e desinformados em enfermagem psiquiátrica. Estes enfermeiros sugeriram que sua formação profissional não foi adequada, para cuidar de doentes mentais, quando afirmaram:

- O estágio que fizemos era só para distrair o doente
- Sinto-me insegura por ter pouco conhecimento na área (4).
- Sinto medo por não ter conhecimento suficiente (1).
- A escola não prepara como deveria; prepara pouco (2)
- A escola não prepara (1).

MERENESS & KARNOSH (1964) afirmam que reconhecer que as alterações de comportamento do paciente são resultado da doença e

empenhar em efetuar mudanças no seu comportamento é aceitar o paciente como ser humano, que necessita de motivação para querer estar bem.

Pode-se esperar então, que o enfermeiro com tal percepção possa influenciar o seu grupo de trabalho, modificando comportamentos até então arraigados em relação ao doente mental.

MURRAY (1969) comenta, ainda, que as atitudes consideradas como "bondosas" são menos frequentes nos enfermeiros ou naqueles com nível educacional mais alto.

HEINEMANN & RHODES (1967) verificaram que, pela familiaridade com o doente mental, a enfermeira chegou a perceber que o paciente não é tão diferente dela ou de qualquer outro paciente. Comentaram que não foi verificada nenhuma significância estatística nas diferenças entre as enfermeiras das diversas especialidades. Isto porque muitas enfermeiras não permanecem em uma só especialidade.

Modificações no ambiente da unidade, citadas pelo pessoal, quando paciente portador de distúrbio mental esteve internado.

Tabela 9

OPINIÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SOBRE MODIFICAÇÕES NO AMBIENTE DA UNIDADE, QUANDO O DOENTE MENTAL ESTEVE INTERNADO.

OPINIÃO SOBRE A PRESENÇA DO PACIENTE NA CLÍNICA	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Enfermeiro		Auxiliar de Enfermagem		Atendente		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Perturba o trabalho e ou outros pacien- tes	18	39,2	24	42,1	20	42,6	62	41,4
Perturba o trabalho	14	30,4	24	42,1	16	34,1	54	36,0
Perturba ou- tros pacien- tes	3	6,5	4	7,0	5	10,6	12	8,0
Não perturba	5	10,9	2	3,5	4	8,5	11	7,3
Não observou modificações	4	8,7	1	1,8	1	2,1	6	4,0
Não se lembra de modifica- ção	2	4,3	-	-	-	-	2	1,3
Nunca viram paciente doente mental	-	-	2	3,5	1	2,1	3	2,0
TOTAL	46	100,0	57	100,0	47	100,0	150	100,0

Pela Tabela 9 vê-se que 128 (85,4%) pessoas afirmam que a presença do doente mental, em uma clínica médico-cirúrgica, provoca transtornos vários, interferindo na rotina já estabelecida da unidade, no próprio desempenho profissional dos funcionários e no bem-estar dos outros pacientes.

A relação das opiniões são apresentadas no Anexo nº 5.

ELSAS (1979) comenta que o enfermeiro sente-se ansioso ao ter na sua Enfermaria pessoas com distúrbios emocionais pois estas são consideradas como ameaça ao bem-estar e segurança de outros pacientes que estão sob sua guarda e cuidados. Além disso, acrescenta que os sentimentos das pessoas podem ser provocados pelos estímulos exteriores, que seriam as manifestações dos pacientes, não aceitas pelo pessoal de enfermagem, provocando rejeição.

Os funcionários que "não observaram modificações na clínica", que acharam que "o paciente não perturbava" ou que "não se lembravam das modificações ocorridas", comentavam, invariavelmente, que o paciente era calmo, bonzinho, não era agressivo e nem parecia ser doente mental.

A partir dos comentários dos funcionários, foi observado que se o paciente não demonstrasse sintomatologia evidente, principalmente agressividade, a aceitação era maior. Parecia que o significado de doença mental para eles, era, basicamente, a agressividade e não um conjunto de reações emocionais características da doença.

Tabela 10

DISTRIBUIÇÃO DOS SENTIMENTOS EXPRESSADOS PELO PESSOAL DE ENFERMAGEM, AO ASSISTIR PACIENTES COM DISTÚRBIOS MENTAIS, SEGUNDO SUA IDADE.

SENTIMENTOS	I D A D E (em anos)									
	20 - 30		30 - 40		40 - 50		50 - 60		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Negativos	37	54,4	28	56,2	6	33,3	5	62,5	76	52,8
Positivos	27	39,7	20	41,7	12	66,7	3	37,5	62	43,7
De indiferença	4	5,9	1	2,1	-	-	-	-	5	3,5
TOTAL	68(100,0)		49(100,0)		18 (100,0)		8(100,0)		143 100,0	

Disseram não saber expressar seus sentimentos, quando nessa situação, 1 funcionário da faixa de 20 a 30 anos e 2 na faixa de 30 a 40 anos.

A população do estudo, como pode ser visto na Tabela 10, apresentou maior percentual de sentimentos classificados como negativos em todas as faixas etárias, com exceção da faixa etária de 40 a 50 anos, em que há percentual maior de sentimentos positivos - 12 (66,7%).

MURRAY (1969) refere que as atitudes, em relação ao doente mental, são mais positivas e receptivas nas pessoas mais jovens e com maior nível educacional, nas que tiveram experiência prévia com doentes mentais e naquelas que também receberam informações e orientação sobre doença mental. Constatou que os profissionais de enfermagem, de 20 a 71

ção de que o doente mental é um ser inferior, imprevisível e de que deve ser confinado, para proteção da sociedade e da família. Afirma, também, que estes sentimentos são proporcionais ao aumento da idade. Além disso, informa que as atitudes são mais positivas e receptivas nos indivíduos mais jovens, com melhor conhecimento sobre doença mental.

BRADY (1976) observou que no grupo de enfermeiros que tinham mais contato com doentes mentais, era menor a importância atribuída ao relacionamento humano ou interpessoal.

HEINEMANN & RHODES (1967) comentam que os indivíduos mais jovens apresentam mais aceitação e têm dificuldade em entender os mais velhos, quando estes rejeitam os pacientes com doença mental.

As Tabelas 11, 12 e 13 mostram a distribuição do tempo de serviço do pessoal de enfermagem, por categoria funcional, de acordo com os sentimentos apresentados.

Tabela 11

DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO DE SERVIÇO DA CATEGORIA ENFERMEIRO, DE ACORDO COM OS SENTIMENTOS EXPRESSADOS.

TEMPO DE SERVIÇO (em anos)	SENTIMENTOS							
	Positivos		Negativos		De Indiferença		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
menos de 1	4	33,3	3	9,4	-	-	7	15,2
1 - 4	-	-	14	43,7	2	100,0	16	34,8
4 - 7	4	33,3	8	25,0	-	-	12	26,1
7 - 10	1	8,4	4	12,5	-	-	5	10,9
10 e mais	3	25,0	3	9,4	-	-	6	13,0
TOTAL	12	100,0	32	100,0	2	100,0	46	100,0
	(26,1%)		(69,6%)		(4,3%)			

Os enfermeiros que tinham de 1 a 4 anos de tempo de serviço, expressaram 14 (43,7%) sentimentos negativos.

Tabela 12

DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO DE SERVIÇO DA CATEGORIA AUXILIAR DE ENFERMAGEM, DE ACORDO COM OS SENTIMENTOS EXPRESSADOS.

TEMPO DE SERVIÇO (em anos)	SENTIMENTOS							
	Positivos		Negativos		De Indiferença		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
menos de 1	1	4,4	1	3,3	-	-	2	3,8
1 - 4	3	13,0	3	10,0	-	-	6	11,3
4 - 7	6	26,1	4	13,3	-	-	10	18,8
7 - 10	3	13,0	7	23,4	-	-	10	18,8
10 e mais	10	43,5	15	50,0	-	-	25	47,3
TOTAL	23	100,0	30	100,0	-	-	53	100,0
	(43,4%)		(56,6%)					

Na categoria auxiliar de enfermagem, 3 dos funcionários não tiveram interação com doentes mentais. Esta é a categoria que apresenta funcionários com mais tempo de serviço, localizando-se 25 (47,3%) na faixa de 10 anos e mais, e onde há também 15 (50,0%) de sentimentos negativos expressados. Tal resultado é confirmado por HEINEMANN & RHODES(1967) que afirmam: quanto mais tempo de serviço, menos atitudes favoráveis demonstra a equipe de enfermagem em relação ao paciente doente mental.

Tabela 13

DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO DE SERVIÇO DA CATEGORIA ATENDENTE, DE ACORDO OS SENTIMENTOS EXPRESSADOS.

TEMPO DE SERVIÇO (em anos)	SENTIMENTOS							
	Positivos		Negativos		De Indiferença		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
menos de 1	4	14,8	3	20,0	-	-	7	14,8
1 - 4	6	22,2	4	26,6	1	50,0	11	23,2
4 - 7	6	22,2	3	20,0	-	-	9	19,1
7 - 10	8	29,7	3	20,0	-	-	11	23,2
10 e mais	3	11,1	2	13,4	1	50,0	6	12,7
TOTAL	27	100,0	15	100,0	2	100,0	44	100,0
	(61,4%)		(34,1%)		(4,5%)			

Dos 47 atendentes entrevistados, 1 afirmou nunca ter tido interação com doente mental e 2, da faixa de 1 a 4 anos, não souberam expressar seus sentimentos.

De acordo com a Tabela 13 evidencia-se o número maior de sentimentos positivos 8 (29,7%) na faixa de 7 a 10 anos de serviço. HENNING & RHODES (1967) afirmam que o nível de escolaridade é proporcional ao aparecimento de atitudes favoráveis e ao tempo de serviço.

A Tabela 14 mostra os sentimentos do pessoal de enfermagem em relação aos doentes mentais assistidos, de acordo com a religião.

Tabela 14

SENTIMENTOS EXPRESSADOS PELO PESSOAL DE ENFERMAGEM, EM RELAÇÃO AOS DOENTES MENTAIS ASSISTIDOS, DE ACORDO COM SUA RELIGIÃO.

RELIGIÃO	SENTIMENTOS						TOTAL	
	Positivos		Negativos		De Indiferença		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Católica	47	81,0	59	78,7	5	100,0	111	80,4
Protestante	5	8,6	9	12,0	-	-	14	10,2
Espírita	3	5,2	4	5,3	-	-	7	5,1
Adventista	2	3,4	2	2,7	-	-	4	2,9
Budista	1	1,8	-	-	-	-	1	0,7
Judaica	-	-	1	1,3	-	-	1	0,7
TOTAL	58	100,0	75	100,0	5	100,0	138	100,0
	(42,0%)		(54,4%)		(3,6%)			

Dos 150 funcionários, 5 informaram que não tinham religião, (2 expressaram sentimentos negativos e 3 expressaram sentimentos positivos). Dos 145 funcionários, 4 não tinham tido, ainda, interação com doentes mentais e 3, dos católicos, não souberam expressar seus sentimentos.

Disseram professar a religião católica, 111 (80,4%) funcionários e, portanto, 27 (19,6%), outras religiões. Todos expressaram maior número de sentimentos negativos - 75 (54,4%). No grupo dos protestantes, em que há 14 (100,0%) pessoas, 5 (35,7%) expressaram sentimentos positivos e 9 (64,3%) sentimentos negativos discordando de HEINEMANN & RHODES (1967) que afirmam que no protestantismo as atitudes são mais favoráveis devido a secularidade dos clérigos desta religião.

Um dos funcionários da religião adventista declarou que não fazia distinção das doenças nem das pessoas; observava o que era realidade, atendendo à sua religião. No total, 4 (2,9%) pessoas professam esta religião.

Respostas do pessoal de enfermagem sobre interação com doentes mentais que estavam internados no período da coleta de dados.

Após as perguntas sobre ocorrências anteriores com pacientes doentes mentais, procurou-se identificar se, no momento, havia pacientes com tais manifestações nas clínicas onde os funcionários entrevistados prestavam serviço, sendo obtidas respostas positivas de 57 funcionários, dentre eles, 20 enfermeiros, 18 auxiliares de enfermagem e 19 atendentes.

Como o pessoal tomou conhecimento de que o paciente era doente mental.

A Tabela 15 informa como os funcionários tomaram conhecimento de que o paciente era portador de um distúrbio mental.

Tabela 15

COMO O PESSOAL TOMOU CONHECIMENTO DE QUE O PACIENTE ERA DOENTE MENTAL, SE-
GUNDO SUA CATEGORIA FUNCIONAL.

CONHECIMENTO	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Atendente		Auxiliar de Enfermagem		Enfermeiro		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pelo comporta- mento.	17	46,0	16	64,0	20	74,1	53	59,6
Por informação do médico e da enfermeira	14	37,8	3	12,0	-	-	17	19,1
Pelo prontuá- rio médico.	3	8,1	3	12,0	3	11,1	9	10,1
Por informação de membro da família	1	2,7	-	-	4	14,8	5	5,6
Por encaminha- mento de clíni- ca psiquiátri- ca.	2	5,4	1	4,0	-	-	3	3,4
Por informação de companheiro de trabalho	-	-	2	8,0	-	-	2	2,2
TOTAL	37	100,0	25	100,0	27	100,0	89	100,0
	(41,6%)		(28,1%)		(30,3%)			

Houve citação de mais de uma fonte de conhecimento para cada resposta.

Observa-se que 53 (59,6%) das respostas eram a de que tomaram conhecimento pelo comportamento apresentado pelo paciente, isto é,

manifestação de comportamento do paciente. A categoria dos enfermeiros, apresentou 20 (74,1%) das respostas nesse ítem, isso porque deveriam ter maior conhecimento sobre distúrbios de comportamento, visto que no currículo das escolas de enfermagem existe a disciplina enfermagem psiquiátrica.

As manifestações de comportamento que os pacientes apresentavam e que os funcionários consideravam como manifestações de doença mental serão listadas a seguir, de acordo com a categoria funcional dos entrevistados.

Manifestações de comportamento que os enfermeiros consideram como doença mental e sua frequência.

O paciente é dependente de cigarros, é agressivo, negativista, tem a cara fechada, os olhos parados. É preocupado com insignificâncias (1).

Apresenta conversa desconexa (4).

É nervoso e irritadiço (3).

É confusa, desligada da realidade, fala coisas desconexas (2).

É esclerosado, tem mudanças de humor (1).

Recusa o tratamento, tem idéias de fuga, trata mal os funcionários (1).

É agressivo, recusa o banho e a alimentação, é dependente de cigarros e

não liga para a aparência (1).

É ansiosa, agressiva, já tentou fuga (1).

É apático, não se comunica (1).

Provoca discussões com todos (1).

Faz solicitações freqüentes; é agressivo, dependente de analgésicos (1).

Não contatua bem, fica muito tempo só. Não se comunica (1).

Manifestações de comportamento que os auxiliares de enferma-
gem consideram como manifestações de doença mental.

É nervoso e gritava muito (1).

É confuso e agitado (1).

É agressiva, joga objetos, tem dificuldade de dormir (1).

É agressiva, fala coisas que não existe (1).

Fica por fora, ausente (1).

Já tentou suicídio, é esquisita (1).

É distante, tem fases de inquietação, fica transtornado (1).

É desequilibrado, fala coisas que não se entende, fala sozinho (1).

Inventa, abusa, não é normal (1).

É desajustado, anormal, não segue as rotinas, não coopera, é catatônico (1).

Não fala coisa com coisa (3).

Os gestos são diferentes (1).

É irritado, diz palavrões (1).

Solicita coisas impossíveis (3).

Manifestações de comportamento que os atendentes consideram como manifestações de doença mental.

É nervosa quando não tem cigarro (4).

Não fala coisa com coisa, pedia coisas estranhas (4).

Irrita-se e solicita muito (2).

É desorientada, vê coisas, tem dor fantasma (1).

Chora à toa (1).

É quieto, não fala (1).

Grita muito, não entendia o que ele falava (1).

A maneira dele olhar é diferente (1).

É atrapalhado, confuso, fala bobagens (2).

Comporta-se como criança, falando igual (1).

É rebelde, desobedece a rotina, é desconfiada (1).

Quando foi perguntado aos funcionários se, no momento da entrevista, havia algum paciente com problemas mentais internado na unidade de (Anexo nº 1, pergunta nº 5), 57 pessoas responderam afirmativamente.

Na Tabela 16 são relacionados os sentimentos do pessoal de enfermagem, por categoria funcional, nesta situação, e no Anexo nº 3, encontra-se a relação dos sentimentos.

Tabela 16

SENTIMENTOS EXPRESSADOS PELO PESSOAL DE ENFERMAGEM QUANTO À PRESENÇA DE DOENTES MENTAIS NA UNIDADE ONDE TRABALHAM, NO MOMENTO DA COLETA DE DADOS.

SENTIMENTOS	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Atendente		Auxiliar de Enfermagem		Enfermeiro		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Positivos	17	89,4	11	64,8	14	70,0	42	75,0
Negativos	1	5,3	3	17,6	3	15,0	7	12,5
De Indiferença.	1	5,3	3	17,6	3	15,0	7	12,5
TOTAL	19	100,0	17	100,0	20	100,0	56	100,0
	(33,9%)		(30,4%)		(35,7%)			

Um auxiliar de enfermagem não soube expressar seus sentimentos.

Nessa fase da entrevista, as respostas de 56 funcionários foram na maioria consideradas como sentimentos positivos. Convém informar que destes funcionários, 5 atendentes, 11 auxiliares de enfermagem e 16 enfermeiros tinham expressado anteriormente sentimentos negativos em relação ao doente mental, quando prestaram assistência aos mesmos. Supõe-se que, com mais experiência profissional, o funcionário tende a aceitar mais o paciente doente mental, ou as respostas foram mais elaboradas e os funcionários puderam reformular suas idéias após as primeiras perguntas. Além disso, pode ter havido, inicialmente, um impacto por terem de cuidar pela primeira vez de alguém doente mental, ou seja, levando-se em con

sideração a imaturidade e inexperiência profissional dos mesmos. Nove enfermeiros e 3 auxiliares de enfermagem também comentaram que não receberam formação suficiente em Enfermagem Psiquiátrica e 3 dos auxiliares de enfermagem disseram não haver feito estágio, nessa disciplina. Segundo comentários dos próprios funcionários, em algumas escolas, o estágio de enfermagem psiquiátrica não é considerado obrigatório para auxiliares de enfermagem.

Dos 57 funcionários, 7 não estavam prestando assistência aos pacientes, encontravam-se em serviços externos ou prestando assistência a pacientes de outras enfermarias e 1 atendente não soube expressar seus sentimentos.

A Tabela 17 mostra os sentimentos expressados por 49 funcionários que prestavam assistência aos doentes mentais internados na clínica, e a relação dos sentimentos encontra-se no Anexo nº 4.

Tabela 17

SENTIMENTOS EXPRESSADOS PELOS 49 FUNCIONÁRIOS QUE PRESTAVAM ASSISTÊNCIA AOS DOENTES MENTAIS INTERNADOS NA UNIDADE ONDE TRABALHAM, SEGUNDO SUA CATEGORIA FUNCIONAL.

SENTIMENTOS	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Atendente		Auxiliar de Enfermagem		Enfermeiro		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Positivos	17	100,0	11	73,3	14	82,3	42	85,7
Negativos	-	-	4	26,7	1	5,9	5	10,2
De indiferença	-	-	-	-	2	11,8	2	4,1
TOTAL	17	100,0	15	100,0	17	100,0	49	100,0
	(34,7%)		(30,6%)		(34,7%)			

Comparando os dados das Tabelas 16 e 17, observa-se que os resultados são semelhantes, em relação aos sentimentos expressos pelos funcionários, tanto quanto à presença do paciente na unidade, como quando o assiste. O número de sentimentos positivos continua em evidência.

HEINEMANN & RHODES (1967) afirmam que nas respostas onde a aceitação é maior, o enfermeiro está mais longe do doente, não prestando cuidados diretos. Pode-se confirmar a existência de sentimentos negativos observando-se a Tabela 18, onde são apresentadas modificações ocorridas na unidade com a presença dos pacientes doentes mentais, de acordo com a categoria funcional do pessoal de enfermagem.

Modificações no ambiente das unidades, citadas pelo pessoal, com a presença de pacientes com distúrbio mental.

Tabela 18

OPINIÃO DO PESSOAL DE ENFERMAGEM SOBRE AS MODIFICAÇÕES NO AMBIENTE DA UNIDADE, COM A PRESENÇA DE DOENTES MENTAIS.

A PRESENÇA DE DOENTE MENTAL	CATEGORIA FUNCIONAL							
	Atendente		Auxiliar de Enfermagem		Enfermeiro		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Perturba o trabalho	4	21,1	8	44,4	5	25,0	17	29,8
Perturba o trabalho e os outros pacientes	4	21,1	1	5,6	4	20,0	9	15,8
Perturba os outros pacientes	1	5,2	2	11,1	4	20,0	7	12,3
Não perturba	10	52,6	7	38,9	6	30,0	23	40,4
Não observou modificações	-	-	-	-	1	5,0	1	1,7
TOTAL	19	100,0	18	100,0	20	100,0	57	100,0
	(33,3%)		(31,6%)		(35,1%)			

Verificou-se que nas tabelas anteriores (16 e 17) os sentimentos expressados foram de percentual mais positivo mas, apesar disso, 33 (57,9%) funcionários ainda acham que há transtorno no ambiente quando da presença de doentes mentais na clínica.

A população do estudo foi caracterizada quanto a catego-

ria funcional, sexo, idade, religião, nível de instrução, estado civil e tempo de serviço (Tabelas de 1 a 5).

O estudo das opiniões do pessoal sobre interações prévias, assistência, sentimentos e modificações provocadas no ambiente foram evidenciados nas Tabelas de 6 a 14.

Nas Tabelas de 15 a 18 são tratados os dados sobre as opiniões das pessoas, em face da presença de pacientes com manifestações de distúrbio mental, nas unidades onde atuavam.

As pessoas quando lhes foi perguntado como tomaram conhecimento de que o paciente internado era doente mental deram 89 respostas, agrupadas na Tabela 15. O maior percentual de respostas, 53 (59,6%), concentra-se em "pelo comportamento do paciente".

Afirmaram haver doente mental internado, na unidade em que estavam trabalhando, 57 funcionários e destes 56 expressaram sentimentos quanto à presença desse tipo de paciente. Os sentimentos foram classificados em positivos, negativos e de indiferença e foram considerados positivos por 42 (75,0%) pessoas das três categorias funcionais.

Dos 57 funcionários que tinham doente mental presente em suas unidades de trabalho 49 (86,0%) disseram estar prestando assistência a esses pacientes.

Estes 49 funcionários expressaram sentimentos a respeito desta situação de prestar cuidado. Os sentimentos expressados 42 (85,7%), foram positivos. Entretanto, quando os 57 funcionários responderam a per-

gunta sobre modificações ocorridas no ambiente da unidade 33 (57,9%) deram respostas no sentido de que a presença do doente mental perturba eles próprios, o trabalho e os demais pacientes.

CONCLUSÕES

Foi objetivo deste estudo listar os sentimentos do pessoal de enfermagem que atua na área médico-cirúrgica, quando assiste paciente com história ou manifestação de comportamento de doença mental.

Pelo estudo realizado chegou-se às conclusões a seguir.

Dentre os 46 (100,0%) enfermeiros, 12 (26,1%) expressaram sentimentos positivos, 32 (69,6%) sentimentos negativos e 2 (4,3%) sentimentos de indiferença, quando perguntados sobre sua experiência anterior com doentes mentais. Dos 46 enfermeiros, apenas 17 prestaram assistência aos doentes mentais internados na clínica onde atuavam. Desses, 14 (82,3%) expressaram sentimentos positivos, 1 (5,9%) sentimentos negativos e 2 (11,8%) sentimentos de indiferença (Tabelas 7,8 e 17).

Disseram haver doente mental na unidade 57 (100,0%) pessoas. Destas pessoas 20 (100,0%) eram enfermeiros e desses 13 (65,0%) afirmaram que o doente mental perturba o trabalho e os outros pacientes (Tabela 18).

Foram entrevistados 57 auxiliares de enfermagem; 54 já haviam prestado assistência a doente mental, entretanto, 53 (100,0%) expressaram sentimentos nessa situação: 23 (43,4%) expressaram sentimentos positivos, 29 (54,7%), sentimentos negativos e 1 (1,9%) sentimento de indiferença. Dos 57 auxiliares de enfermagem, apenas 15 prestaram assistência aos doentes mentais internados na clínica onde atuavam, e desses 15 (100,0%), 11 (73,3%) expressaram sentimentos positivos e 4 (26,7%) sentimentos negativos. Nenhum deles expressou sentimentos de indiferença (Tabelas 7, 8 e 17).

Das 57 (100,0%) pessoas que disseram haver doente mental na unidade 18 (100,0%) eram auxiliares de enfermagem e dessas 11 (61,1%) afirmaram que o doente mental perturba o trabalho e os outros pacientes (Tabela 18).

Foram entrevistados 47 atendentes; 46 já haviam prestado assistência e 44 (100,0%) expressaram sentimentos nesta situação: 27 (61,4%) expressaram sentimentos positivos, 15 (34,1%) sentimentos negativos e 2 (4,5%) sentimentos de indiferença. Dos 47 atendentes, apenas 17 prestaram assistência aos doentes mentais internados na clínica onde atuavam, e esses 17 (100,0%) expressaram sentimentos positivos e nenhum deles expressou sentimentos negativos ou de indiferença (Tabela 7, 8 e 17).

Disseram haver doente mental na unidade 57 (100,0%) pessoas. Destas pessoas 19 (100,0%) eram atendentes e dessas 9 (47,4%) afirmaram que o doente mental perturba o trabalho e os outros pacientes, porém, 10 (52,6%) afirmaram que o paciente não perturba (Tabela 18).

RESUMO

O presente estudo foi realizado em 14 unidades médicas e cirúrgicas de um hospital geral, estatal do Município de São Paulo, em 1981.

Teve por objetivo listar os sentimentos do pessoal de enfermagem que atua na área médico-cirúrgica, quando assiste paciente com história ou manifestações de comportamento que evidenciam doença mental.

A população constituiu-se de 150 funcionários: 46 enfermeiros, 57 auxiliares de enfermagem e 47 atendentes. Foi caracterizada quanto a sexo, idade, religião, nível de instrução, estado civil e tempo de serviço.

O trabalho constou de duas partes. A primeira parte analisou as respostas da população de estudo quanto a: interação com doentes mentais antes de começar a atuar em enfermagem; sentimentos verbalizados sobre quando cuidaram de pacientes doentes mentais e modificações que estes doentes provocaram na unidade quando estiveram internados.

A segunda parte tratou dos dados fornecidos por aqueles funcionários que afirmaram que havia doente mental internado no momento da coleta de dados e por aqueles que estavam prestando assistência a esses pacientes.

Foram evidenciados os sentimentos relatados pelo pessoal de enfermagem ao assistir pacientes doentes mentais em hospital geral.

SUMMARY

The purpose of this study was to relate the nursing staff feelings, working in the medical-surgical service taking care of patients with previous history of mental illness.

The informations were obtained interviewing 150 persons working in the nursing service of a governamental hospital of São Paulo City. Those persons belonged to three categories, namely: nurses, practical nurses and attendant nurses.

The majority (93.7%) informed that they have already taken care of patients with mental illness and expressed their feelings, which were grouped in positive feelings, negative feelings and feelings of indifference.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MERG, S. & BEAVERS, W.R. Attitudes of hospital personnel toward mental illness, authoritarianism and the doctors - nurses relationship. Nurs. Res., New York, 15(4):371- 376 , 1966.
- MY, M. Nurses' attitudes towards a patients who has a psychiatric story. J. Adv. Nurs., Oxford, 1(1):11-23, 1976.
- N, J. et alii. Opinions about mental illness: hospital social atmosphere profiles and their relevance to effectiveness. J. Consul. in. Psychol., Washington, 28:291-8, Aug. 1964.
- Z, P. & HARRINGTON, Psicologia e Psiquiatria. São Paulo , P.U./E.D.USP, 1978. p.21-222.
- N, R. No "magic" about mental nursing. Nurs. Mirror, Sussex, (7):30-1, 1970.
- , B.X. Intercorrências psiquiátricas em hospital geral. Tese de Enfermagem da UFRJ Rio de Janeiro, 1979.
- , I.M.K. & ARANTES, E.C. Dificuldades dos estudantes de enfermagem frente aos doentes mentais internados. Rev. Bras. Enf., Brasília, 28(1):48-63, 1976.
- ANN, E. & RHODES, J.R. How nurses view the tuberculous psychotic patients, Nurs. Res., New York, 16(4):361-5, Winter, 1967.
- B. Behavior of psychiatric patients and Staff. Nurs. Res, New York, 16(1):67-8, Winter 1967.
- B. Psychiatric wards in general hospitals. Aust. Nurses J., Melbourne, 8(10):37-8, May, 1979.
- F.A. Reflections on self. Am. J. Nurs., New York, 60(6): , June, 1960.

- MATHENEY, V. & TOPALIS, M. La enfermeira y el paciente. In: _____
Enfermería Psiquiátrica. 5.ed. México, Interamericana, 1971.
cap. 7, p. 90-104.
- MERENESS, D. & KARNOSH, L.J. Como mejorar los cuidados de enfermería
psiquiátrica en el individuo físicamente enfermo. In: _____
Elementos de enfermería psiquiátrica. México, Prensa Médica Mexica
na, 1964. cap. 9, p. 108-15.
- MURRAY, R. Attitudes of professional nonpsychiatric nurses toward
mental illness. J. Psychiat. Nurs., New Jersey, 7(3):117-23, May/
June 1969.
- PARIOS, R. Psychiatric patients be placed in medical surgical
units? Perspect. Psychiatr. Care., New Jersey, 18(4): 165-82, 1980.
- ROBINSON, L. Psychiatric as a human experience. Philadelphia, W.B.
Saunders, 1972. p. 2-4, 14.
- SHULMANN, B. H. et alii. The contributions of a psychiatric nurse
on a medical service. Perspect. Psychiat. Care, Hillsdale, 4(2) :
22-37, 1966.
- TRAVELBEE, J. Aspectos de la relación de persona a persona. In:
Intervención en enfermería psiquiátrica: el proceso de
la relación de persona a persona. Cali, Carvajal, 1979. cap. 3,
p. 41-8.
- TUTER, W. As you enter psychiatric nursing. Am. J. Nurs., New York,
56(1):72-4, Jan. 1956.

Anexo nº 1

FORMULÁRIO

DATA

UNIDADE

INICIAIS DO NOME CATEGORIA

IDADE SEXO ESTADO CIVIL

RELIGIÃO PRATICANTE

GRAU DE INSTRUÇÃO

TEMPO DE SERVIÇO EM ENFERMAGEM

1. Você já teve alguma interação com doentes mentais antes de atuar em Enfermagem?
 2. Já prestou assistência a paciente com distúrbio mental?
 3. Como você se sentiu ao cuidar deles?
 4. O que aconteceu no meio ambiente da clínica quando estes pacientes estiveram internados?
 5. Há, no momento, paciente com distúrbio mental internado nesta clínica?
 6. Como tomou conhecimento de que o paciente era doente mental?
 7. Você está prestando assistência a ele?
 8. Como você se sente com a presença dele na clínica?
 9. Como você se sente ao cuidar dele?
 10. O que está acontecendo no meio ambiente da clínica com a presença deste paciente?
-

Anexo nº 2

Relação das respostas dos funcionários a pergunta "como se sentiu ao cuidar de pacientes com distúrbio mental?", por categoria, consideradas como expressões de sentimentos positivos e negativos.

Nesta relação, procurou-se manter a linguagem usada pelo funcionário, no intuito de se apresentar o mais real possível, a expressão usada.

Sentimentos positivos expressos pelos Enfermeiros:

- Senti vontade de ajudar, gostei de trabalhar com eles, tinha pena.
- Considerei como outro paciente qualquer, só que precisava ser mais conscienciosa.
- Senti pena. Cuido de qualquer comportamento. São pacientes que precisam de mais atenção nossa.
- Foi uma experiência maravilhosa. Amadureci e ganhei mais conhecimento.
- Senti-me bem, apliquei o processo terapêutico.
- Cuidei normalmente como cuido de outro paciente.
- Senti-me bem, brincava e incentivava o paciente. Não me envolvia, atendia às suas carências.
- Senti-me útil, gostava e tratava como os outros pacientes, normalmente, sem distinção.
- Cuidei igual a outros pacientes só que dispensava mais cuidados. Cuidei de acordo com o comportamento apresentado.
- Não tinha diferença dos outros, tem que dar os mesmos cuidados.

- Preparada. Senti que era um paciente comum. Gosto de trabalhar com pacientes deste tipo.
- Sem problemas, precisam de mais atenção e cuidados.

Sentimentos negativos expressos pelos Enfermeiros.

- Fiquei deprimida (duas respostas semelhantes)
- Cuidei com força devido à agressividade.
- Fico agressiva também frente a quadros de agressividade.
- Fiquei cheio, não gosto de trabalhar com doentes mentais.
- É deprimente, por não conseguir fazer nada pelo paciente.
- Chocada com os tratamentos da especialidade.
- Traumatizada porque já fui agredida.
- Fiquei com medo e descontrolada emocionalmente.
- Não tinha muita afinidade com esses pacientes.
- Sentia-me insegura, despreparada para lidar com eles.
- Sem muita estabilidade emocional.
- Temerosa, com medo dos agressivos.
- Não gostei de trabalhar com doente mental.
- É difícil cuidar deles, não me adapto.
- Tem que ter muito cuidado, pode se tornar agressivo.
- Tenho medo por falta de conhecimento da doença mental e suas manifestações.
- Insegura, preocupada com as condutas a tomar.
- Não faz meu tipo, não gosto de cuidar desses doentes,
- Achei terrível cuidar de doente mental.
- Não me aproximei dos doentes mentais.
- Tinha medo de como ficava o ambiente porque já fui agredida.
- Detestei, fico impaciente; vi muita agressividade.

- Apreensiva, esperando qualquer reação a qualquer tempo.
- Eu não gostava, tinha muita bagunça na unidade, ficavam agressivos e a sintomatologia me incomodava.
- Não gosto. Desgasta mentalmente.
- Fiquei apavorada, com medo de agressão.
- É difícil de se lidar, prefiro cuidar de outros pacientes.
- Sentia medo de não ter conhecimento suficiente para lidar com eles.
- Deprimida, não sabia como agir com eles.
- Insegura por ter pouco conhecimento da área. Aqui não é lugar de tratá-los.
- Fiquei tensa, preocupada, inibida.

Sentimentos positivos expressos pelos Auxiliares de Enfermagem.

- Não encontrei problemas, não tive medo; tenho paciência com eles.
- Mesma coisa que os outros, precisam de mais observação, mais atenção, são pacientes mais dependentes da gente, tenho dó, não sinto medo.
- Não tive problemas, tive pena; tem que conhecer e estudar o modo de ser do doente mental; são cuidados diferentes.
- Achei que é o mesmo, como os outros.
- São diferentes, é como cuidar de crianças, coitados.
- Procurei ficar mais perto, conversar mais. Não tive medo, tinha boa orientação da Enfermeira.
- Sentia-me bem, apesar de ser difícil lidar; eles não assimilam bem o que explicamos.
- Não estranhei os pacientes, não são diferentes dos outros. Ajudei, me senti bem, consegui tirar os pensamentos doentes deles.

- Senti-me bem; conhecendo o paciente fica fácil cuidar. Temos que ter interesse e atenção. Não há boa recuperação se der muita moleza.
- Normal, é como qualquer paciente que necessita de cuidados especiais.
- Fiquei realizada porque o paciente sobreviveu depois. Sentia-me bem quando cuidava deste tipo de paciente.
- Senti bem, gostei, senti alegria, incentivava. Dos estágios, gostei mais de psiquiatria.
- Gosto de trabalhar com eles, até prefiro, sinto como se fosse um paciente comum. Tenho pena.
- Não senti nada de especial, só pena.
- São pessoas dignas de pena.
- Senti que fazia alguma coisa por alguém. Tinha dó, por não ter o que fazer muito. Precisam mais atenção. Enfrento bem a doença deles.
- Senti-me bem apesar do conceito que doença mental é igual a violência.
- Todos exigem psicologia, paciência e tranquilidade. Precisam mais ainda da gente.
- Eu não acreditava na doença deles, cuidei bem, fui tendo mais conhecimento.
- Senti pena, são carentes, observei muita agressão por parte dos outros funcionários. Eles não têm controle sobre si próprios.
- Sentia-me bem, bem humorado, gostava deles. Tinha um pouco mais de atenção e cuidados, mas era a mesma coisa dos outros pacientes.
- Senti a mesma coisa que sinto pelos outros.
- Sentia-me bem, acho que não teria problemas em trabalhar em psiquiatria, não tenho medo.

Sentimentos negativos expressos pelos Auxiliares de Enfermagem

- Tive medo, restrições e cautela; pode haver agressões. As reações do doen

- te mental são inesperadas.
- Me aborrecia muito, me tirava do sério. Sentia-me cansada.
 - Tenho medo da agressividade do paciente. Não gostei de cuidar desse tipo de paciente.
 - Não me sentia bem; não me adaptei; são pacientes difíceis de se entender e controlar.
 - Sem condições de ajudar.
 - Não me sentia muito bem, sentia perturbada, incomodada pelo doente.
 - Medo por causa da agressividade, fiquei apavorada.
 - Difícil de cuidar, tive medo do comportamento. Prefiro trabalhar com outro tipo de paciente.
 - Não adiantava discordar do doente, não dá.
 - Receio, não aceitava o doente, saí da clínica porque não gostava.
 - Não me dou bem, sinto sofrimento.
 - Abalada, chocada de ver tanto quadro desagradável.
 - Não gostei, tive medo, fiquei chocada.
 - Fiquei amedrontada, insegura.
 - Não gostava de trabalhar com doente mental, não tenho paciência, me tiraram do sério.
 - Apavorada, não gosto de trabalhar com esse tipo de doente, tenho medo de agressão.
 - Achei estranho, não é o tipo de paciente com que gosto de trabalhar.
 - Tenho horror de louco; sou marcada; não gostei de ver o indivíduo vegetar. Tenho um irmão doente mental.
 - Não consegui me apegar; prefiro pacientes de clínica; tenho pavor de psiquiatria.
 - Não tenho paciência; me descontrolo, fico nervosa com eles.
 - Não gostei, são todos agressivos.
 - Sentia-me tenso porque não melhoravam, sentia-me mal.

- Senti-me deslocado, não entendo, não tenho conhecimento de doença mental. Não gostei. Gostaria de trabalhar com orientação para ver como é, se é assim mesmo.
- Tive medo de agressividade; não gosto de conversar com eles; não gostei de trabalhar com eles (já fui agredido).
- Acho que aqui não é lugar deles, mas não senti receio nem pavor.
- Apavorado, não gostei de trabalhar com eles, porque não atendem e nem obedecem.
- Não gostei, não me senti bem, mas fiz o que tinha de fazer.
- Insegurança. Não sabemos o grau de violência do doente; é o mesmo que trabalhar com armas, pode acontecer algo repentinamente.
- Cuidei mais da parte física, são pacientes que perturbam e inventam histórias.

Sentimentos positivos expressos pelos Atendentes

- Cuidei melhor e com mais atenção. Me sentia bem, precisamos ser mais conscientes.
- Tinha bastante dó do doente. Procuro ajudar o doente a sair do quadro. Sempre fico me perguntando o que mais poderia fazer por ele.
- Procurei cuidar o melhor que posso. Comparava com os meus familiares. Dou mais atenção, não me envolvo.
- Sentia-me bem, cuido bem de qualquer doente, na medida do possível.
- Tinha pena, de repente a pessoa fica igual à criança, não sabe o que faz. Senti que era útil, gosto de cuidar deles.
- Cuidei normalmente, exigia certos cuidados. Procurava dar mais atenção, mais compreensão.

- Cuidava normalmente, só tinha um pouquinho de medo de agressão, mas me sentia bem.
 - É a mesma coisa que os outros pacientes. Precisava mais atenção e vigilância.
 - Sentia-me bem, acho que não sirvo para cuidar, porque me envolvo muito e não sei se pode ou não. Fui me acostumando com eles e gosto.
 - Sentia-me arrasada, ainda mais quando via certos casos, principalmente com crianças. Com pouco de paciência consegue-se tratar dele. Gosto muito.
 - Tive mais compreensão e controle. Eles dependem da gente.
 - Cuidei como se fosse outro paciente qualquer.
 - De início, sem saber o que fazer; depois foi tudo bem, me acalmei e cuidei bem.
 - Cuidei normalmente, não tive dificuldades. Sentia-me bem, apesar de serem agressivos.
 - Gostava, sentia dó.
 - Sentia-me bem. Tratava como pessoa comum. Já conhecia, já tive doença mental na minha família.
 - Tinha pena mas não demonstrava; eles percebem e não adianta nada porque prejudica.
 - Dependem muito da gente, da nossa observação. Precisam de mais atenção.
 - Normal, era outra forma de tratamento, precisava de mais paciência.
 - Sentia-me calmo; sou calmo, não tinha medo, não me irritava, gostava de lidar com eles.
 - Era como outro paciente qualquer; tinha mais cuidado, acho uma doença como outra qualquer. Não me assusto, temos que cuidar de qualquer tipo de paciente.
- Normalmente cuido de qualquer paciente, só que ele precisava de mais técnicas, carinho especial. Sentia pena.

- Tinha dó, mas não sentia medo nem receio. Cuidava como se fosse outro paciente. Precisava de mais cuidados e mais vigilância.
- Tinha paciência; é difícil lidar com esse tipo de doente, exigem mais atenção. Não admito que agridam os doentes.
- Observava o que era a realidade; devido à religião (adventista) não fazia distinção, dedicava a mesma atenção a todos, não sentia pena, acho que nunca tive medo.
- Cuidava da mesma maneira que os outros, só que era diferente a maneira de lidar com eles. Exigem mais cuidado porque são anormais. Não achava ruim cuidar deles.
- Peguei mais experiência; achei ótimo. Ficava tranquilo, parecia que se-meávamos calma. Nunca tive problemas com eles.

Sentimentos negativos expressos pelos Atendentes

- Transferi os problemas para a Enfermeira porque ela tinha melhor instrução. Não respondi ao paciente porque tinha medo de atitude agressiva.
- Irritei-me às vezes com o comportamento do doente, tentava fazer o máximo para me controlar.
- Fiquei chocada. Não senti medo totalmente, mas ia atender o paciente sem pre acompanhada de outro funcionário.
- Tive medo de pacientes agressivos.
- Sentia que estava abobada como eles, não achei isso bom.
- Achei muito deprimente, sofri muito; não gosto.
- Tive receio, medo, cuidei mas sempre me protegendo; sei lá o que podia acontecer.
- Fui agredido e tive vontade de reagir. Não gosto de cuidar, mas é divertido porque o tempo passa mais rápido e muda a rotina.

- Não gostei; é chato vê-los no estado em que ficam.
- Achei arriscado, não via modificações no quadro. Não aceito alguns tipos de tratamento como choque. Não gostei da experiência.
- Não servia para trabalhar com eles, achei triste, me comovia, coloquei-me no lugar deles.
- Não gosto de trabalhar com pessoas assim. Sentia-me embaraçado; é difícil de se comunicar com eles.
- Fiquei cismado, mas gostaria de trabalhar na psiquiatria para ver como é. Achei ruim.
- Não gostei. Não gosto de psiquiatria. Não tive orientação como cuidar de doente mental, todos deveriam ter preparo.
- Não gosto, tive bastante dó de ver o estado do paciente. Sempre me perguntava o que mais poderia fazer?

Anexo nº 3

Sentimentos expressos pelos funcionários de enfermagem, em relação a presença de pacientes com distúrbios mentais, internados na unidade onde trabalham.

Sentimentos positivos expressos pelos enfermeiros.

- É como os outros, não causa diferença.
- É acomodada, não causa problemas, sinto-me bem.
- Fico cansada pelo quadro, pelas lamentações, pelas solicitações excessivas. Ponho limites.
- Fico preocupada porque não está em uma enfermaria adequada, e sim no isolamento.
- Sinto-me deprimida, mas consegui superar. Tenho pena.
- Tenho pena.
- Não vejo problemas, a paciente está bem.
- Sinto-me tranquila.
- Sinto-me bem, mais nada de especial.
- Normal, tenho dó.
- É como um paciente comum, não pode ter diferenciação porque o paciente fica mais difícil.
- Não altera nada, é calmo, não incomoda.
- Sinto-me bem, deveria ter um psiquiatra na clínica.
- Não tenho medo, tenho atenção constante, porque há tentativa de suicídio.

Sentimentos negativos expressos pelos enfermeiros.

A paciente incomoda as outras pacientes, chora a noite toda. Aqui não é lugar para ela.

O paciente causa problemas para os outros, aqui não é o lugar dele, es tão tentando transferência.

ntimentos positivos expressos pelos Auxiliares de Enfermagem

Devemos nos controlar, não podemos ficar nervosos também.

Normal, é como qualquer outro paciente.

Não tenho tensão, mas preocupação com o doente. Ele não é responsável pelos seus atos.

Acho que ele tem que ficar aqui, é quieto, não incomoda.

Sinto-me bem, acho que está no lugar certo.

Considero-o como um paciente qualquer.

Encaro com naturalidade, apesar de aqui não ser clínica psiquiátrica.

Sinto-me bem, nada de anormal.

Sinto-me bem, temos que ter melhor cuidado, paciência e bom relacionamento.

uido como de alguém que merece pena. Ele procura agradar.

Como ela é calma, acho-a uma pessoa legal. Gosto porque não é agressiva.

ntimentos negativos expressos pelos Auxiliares de Enfermagem

cho que o paciente deve ir para a psiquiatria.

atenho-me distante, me defendo.

Quando a paciente está calma, está tudo bem, mas quando fica agressiva, fico nervosa, não gosto.

Sentimentos positivos expressos pelos Atendentes

- É difícil explicar, não sei se é dó. Gosto. Sinto-me as vezes impotente, queria ajudar mais, sei que dó não faz bem.
- Normal. Exige mais atenção para suas mudanças de comportamento que pode acontecer a qualquer hora.
- Normal, não são agressivos, não oferecem perigo.
- Acho que aqui é o lugar dele, desde que tenha um acompanhamento psiquiátrico para ajudá-lo.
- Gosto, é como qualquer doente. As vezes me irrita, depende do comportamento.
- Sinto-me bem, é como outro paciente qualquer. Se ficar agressivo, sei como me defender. Preocupo-me, ele pode cair da cama.
- Acho que é um doente que precisa de cuidados, sinto pena às vezes.
- Cuido no mesmo estilo que os outros, sem diferenças.
- É como outro paciente qualquer, dá mais trabalho.
- Tenho os mesmos cuidados que com os outros, mais observação e mais amor.
- Normal, como outro paciente qualquer. Trato diferente porque precisa de um pouco mais de psicologia.
- Nada de anormal. Precisa de maior atenção.
- Ouço o que ela fala, acho que está no lugar certo.
- Tenho muito mais atenção e mais vigilância.
- Não modifica em nada, só exige mais vigilância.
- O paciente é bonzinho, gosto, acho-o legal. Acho que aqui não é o lugar especial para ele.
- Trato como um paciente qualquer, ele precisa da gente.

Sentimentos negativos expressos pelos Atendentes

ra não tirar o soro. Não gosto.

Anexo nº 4

Sentimentos expressos pelos funcionários de enfermagem que prestam assistência aos pacientes com distúrbios mentais internados na unidade onde trabalham.

Sentimentos positivos expressos pelos Enfermeiros

- Não altera, não me incomoda.
- Encaro como paciente comum; fica difícil o tratamento se der uma diferenciação. Acho que ele vive nos testando.
- Sinto-me normal, tenho dó dele. Gostaria que fosse normal, que conversasse.
- Tenho pena dela. É catatônica.
- Dou os cuidados que o paciente necessita no estado dele.
- Não há diferença dos outros e me sinto bem.
- Preocupada, devido à atenção que exige por causa da tentativa de suicídio. Tem pouca gente na clínica. Encaro como alguém que precisa de cuidados.
- Nada de especial, igual aos outros pacientes; cuido deles.
- Sinto-me bem, Observo para melhor cuidar de seu comportamento. Analiso meu próprio comportamento.
- Satisfeita porque consegui que ela progredisse. Agora nos responde. Dou todos os cuidados.
- Tinha pena, mas consegui superar.
- Tranquila... como outro paciente qualquer, só que tenho que analisar as solicitações dele.
- Preocupada, medo que fuja porque tem pouca gente no plantão.

- Não vejo problemas, não senti medo. Oriento como outro paciente qualquer.

Sentimentos negativos expressos pelos Enfermeiros

- Aqui não é lugar dele, incomoda. Não dá para trabalhar com esse tipo de doente.

Sentimentos positivos expressos pelos Auxiliares de Enfermagem.

- Gosto de cuidar deles, cuido normalmente como qualquer outro.
 - É a mesma coisa dos outros, só que tem que observar mais.
 - Temos que ter melhor cuidado, paciência, bom relacionamento, respeitar os sentimentos do doente. Tenho pena. Tenho jeito para cuidar deles.
 - Cuido como de alguém que merece pena. Precisa de mais atenção.
 - Procuro ajudar ao máximo.
 - Preocupa-me. Exigem mais atenção que os outros. Não é responsável pelos seus atos. Não altera, como cuido dos outros.
 - É quieto, não incomoda. Não me incomoda a doença mental.
 - Faço o possível para atender bem. Considero-o como da família.
 - Encaro com naturalidade apesar de ser uma clínica não psiquiátrica.
- Sinto-me bem.
- Considero como um paciente qualquer, não sinto nenhum problema-
 - Eles precisam de mais cuidado, mais observação e mais atenção para melhor assistência nossa.

Sentimentos negativos expressos pelos Auxiliares de Enfermagem.

- Quando a paciente fica agressiva, fico nervosa. Não gosto de trabalhar com pacientes assim. Evito aproximação e conversa.
- Saio de perto quando está agressivo. Restrinjo quando está agressivo.
- Mantenho distância, me defendo. Fui acusado de que derrubei os remédios e acreditaram no doente. Não é agradável cuidar deles, têm certo raciocínio.
- Não aceito, acho que é má formação. Não estou muito acostumado. Ele irrita, só se amarrar na cama.

Sentimentos positivos expressos pelos Atendentes

- Aqui é o lugar deles desde que tenha acompanhamento de psiquiatria. Tenho pena porque é jovem. Acho que ele deveria ter mais apoio de família.
- Sinto-me às vezes impotente, queria ajudar, mas sei que dó não faz bem. Quero fazer muita coisa e não sei o quê.
- É como qualquer outro doente, sinto-me bem. O paciente é carente de atenção e carinho.
- É como outro qualquer, preocupo-me com ele.
- Tive de ser um pouco enérgica com ela. É uma doente que precisa de mais cuidados. Tenho muita pena.
- Tenho muita dó da paciente, fala sem nexos, ouço sempre o que ele fala, acho que nunca vai conseguir o que pretende.
- Tenho maior atenção, faço o que posso, sinto tranquilidade, ajo de acordo com minha consciência.
- Cuido com mais atenção, converso mais, mesmo que não responda.

rato como um paciente comum. Eles precisam da gente, confio nele, dou
figarro, sô tenho medo da contaminação, ele tem doença transmissível.

em diferença dos outros a não ser nos momentos de crises, mas não ofe-
recem perigo; é próprio da doença.

Como outro paciente, só que dá mais trabalho, exige mais atenção, não
me sinto incomodado; tenho muita paciência.

Precisa de mais atenção. Cuido para que não fique atrapalhado.

Mesmo cuidado para todos. Precisa de maior observação e mais amor; tem
mais carência.

Acho legal, sinto-me bem; o paciente é bonzinho, não é teimoso.

Exigem mais vigilância, mais cuidados. Podem não entender a dieta. Fi-
co mais perto dele.

Mais atenção e vigilância. Cuido como outro paciente qualquer.

Normalmente cuido como os outros pacientes. Precisam de mais um pouco
de psicologia. Sou mais carinhoso, às vezes, mais brabo; depende do
comportamento do paciente.

- Trato como um paciente comum. Eles precisam da gente, confio nele, dou cigarro, só tenho medo da contaminação, ele tem doença transmissível.
- Sem diferença dos outros a não ser nos momentos de crises, mas não oferecem perigo; é próprio da doença.
- Como outro paciente, só que dá mais trabalho, exige mais atenção, não me sinto incomodado; tenho muita paciência.
- Precisa de mais atenção. Cuido para que não fique atrapalhado.
- Mesmo cuidado para todos. Precisa de maior observação e mais amor; tem mais carência.
- Acho legal, sinto-me bem; o paciente é bonzinho, não é teimoso.
- Exigem mais vigilância, mais cuidados. Podem não entender a dieta. Fico mais perto dele.
- Mais atenção e vigilância. Cuido como outro paciente qualquer.
- Normalmente cuido como os outros pacientes. Precisam de mais um pouco de psicologia. Sou mais carinhoso, às vezes, mais brabo; depende do comportamento do paciente.

Anexo nº 5

Relação das modificações ocorridas no ambiente da clínica quando há presença de pacientes com manifestações de doença mental. Várias citações foram agrupadas de acordo com o conteúdo.

Perturbam o trabalho

- Os funcionários rejeitam o paciente, ficam retraídos, chocados, não aceitam esse tipo de doente.
- Todos ficavam em expectativa, demonstravam medo, ficam tratornados.
- O grupo fica tenso, preocupado e amedrontado. Todos ficam alertas.
- Estes pacientes sō atrapalham; aqui não é lugar para eles.
- Os funcionários não compreendem, não gostam, não têm paciência.
- A clínica não comporta este tipo de doente, então, precisa ser modificada porque ela é toda aberta, podem fugir.
- Têm medo da agressividade, incomodam, os funcionários perdem o controle.
- A enfermaria fica agitada, há sobrecarga de trabalho.
- Quando os pacientes ficam agressivos, são restringidos.
- Os pacientes ficam isolados, porque separados de todos é mais seguro, não incomodam.
- Os funcionários não acreditam nos pacientes, acham que é fingimento.
- Os funcionários não estão preparados porque os pacientes não aceitam os cuidados, recusam a medicação, fogem, escondem os remédios, não aceitam orientação, são rebeldes, bagunçam.
- Modifica-se a medicação, alguns remédios são especiais.
- O ambiente fica tenso.

- Há desentendimentos constantes na equipe.
- Alguns funcionários tratam os doentes como se fossem "ninguém".
- Os funcionários não ligam para o doente, não cuidam devidamente; alguns agridem.
- Os outros visitantes ficam preocupados, alguns mandam até bater.
- Os doentes exigem mais paciência e mais atenção.
- É preciso tirar as coisas perigosas de perto dos doentes mentais.

Perturba o trabalho e os outros pacientes

- Não há condições porque os outros doentes reclamam; têm medo, querem trocar de quarto; os funcionários ficam mal-humorados; ninguém está acostumado.
 - Aumenta a vigilância, os funcionários homens cuidam mais deste tipo de doente; as mulheres geralmente têm medo e outros pacientes também; assim ficam todos mais sossegados.
- Os funcionários evitam e os pacientes têm medo; todos têm medo da agressividade.
- Ninguém entende o comportamento do doente; aqui não dá para ele ficar; os outros pacientes reclamam.
- Todos ficam precavidos; os outros pacientes não ficam sossegados; é necessário separar o outro paciente.

erturba os outros pacientes

Os outros pacientes se isolam, têm medo, rejeitam a presença.

Evitam o contato, ficam até apavorados.

Ficam irritados.

- Ficam incomodados, perguntam muito, têm muita curiosidade.
- Alguns reclamam que não dormem, ficam eufóricos, preocupados com a presença de outro doente.
- Alguns ridicularizam o comportamento, são alvos de chacota.
- Ficam se queixando, não entendem.
- Os pacientes reclamam porque mexem nas coisas deles.
- Só aceitam quando o paciente é bobinho, bonzinho e até diverte.